



Resistir e reexistir em meio às águas: sobre vídeos educativos na e após a enchente de Porto Alegre de 2024

Ana Elísia da Costa¹; Ana Cabral Rodrigues²; Daniela Cidade¹; Daniele Caron¹; Aline Nunes da Rosa³; Júlia da Cunha Fraga¹; Maria Clara Mallmann Kaefer¹; Natália Tusset¹; Dandara Eli Conrad³; Ayana da Silva Santos¹; Victor Frainer¹

¹Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FA/UFRGS)

²Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (IPSi/UFF) - Campus Volta Redonda

³Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA/UFRGS)

e-mail: ana_elisia_costa@hotmail.com

Resumo

As enchentes de 2024 no Rio Grande do Sul evidenciaram graves problemas socioespaciais. Em Porto Alegre, as comunidades já vulneráveis foram as mais afetadas. Acolhidas em abrigos improvisados, elas foram dispersadas pela cidade e viveram processos de “distanciamento social”. Acompanhando sistematicamente essas comunidades, o Margem-Lab (PROPUR-UFRGS) propôs ações emergenciais de apoio ao enfrentamento dos seus desafios pós-enchente, como a produção de vídeos educativos-informativos que promovessem uma mínima autonomia para a reconstrução da vida em comunidade. Propomos apresentar tais ações e, por uma análise quantitativo-exploratória, discutir enunciados do projeto de pesquisa-ensino-extensão em que a ação se insere, evidenciando os processos dialógicos e

interdisciplinares e os impactos na formação de estudantes e na sociedade. Entre fragilidades e potencialidades, destaca-se a instauração de um discurso ético-estético-político que buscou dialogar com comunidades invisibilizadas e construir recursos para suas lutas presentes e futuras.

Palavras-chave: vídeos educativos, ação comunitária, enchente de Porto Alegre de 2024

Abstract

Floods in 2024 in Rio Grande do Sul highlighted severe socio-spatial issues. In Porto Alegre, already vulnerable communities were the most affected. Covered in improvised shelters, they were dismissed by the city and experienced processes of “social distancing.” Systematically monitoring these communities, the Margem-Lab (PROPUR-UFRGS) proposed emergency actions to support their post-flood challenges, such as producing educational-informative videos that promote minimal autonomy for the reconstruction of community life. We propose to present these actions and, through a quantitative-exploratory analysis, discuss statements from the research-teaching-extension project in which the action is inserted, highlighting the dialogical and interdisciplinary processes and the impacts on student training and society. Among weaknesses and potentialities, the establishment of an ethical-aesthetic-political discourse stands out, aiming to engage with marginalized communities and build resources for their present and future struggles.

Keywords: educational videos, community action, flood in Porto Alegre of 2024

Introdução

Em maio de 2024, Porto Alegre foi profundamente abalada por uma enchente. As águas afetaram diversas regiões da cidade, mas particularmente territórios próximos ao rio Guaíba que já enfrentavam problemas antes das águas e que eram invisibilizados pelos governos, tais como territórios quilombolas, indígenas e pequenas comunidades vulnerabilizadas. Como recorrente em situações de degradação ambiental e consequentes desastres, são as populações mais pobres, junto a marcadores como os de raça, gênero e deficiência, as mais afetadas, vindo a agravar a pobreza e a acentuar desigualdades sociais. (HERCULANO, 2006)

Diante da catástrofe e da inoperância dos governos, viu-se na cidade a constituição instantânea de uma rede de apoio comunitário. Incontáveis voluntários se engajaram, o que, de um lado suscita a leitura de uma preocupação legítima e solidária e, de outro, a inoperância programada de governos com retóricas neoliberais e individualizantes que são insustentáveis e perniciosas do ponto de vista público e comunitário.

Atentos a esse contexto, lançamos luz sobre duas redes de voluntariado – as cozinhas solidárias e os abrigos improvisados –. A primeira envolve cozinhas consolidadas desde a pandemia do COVID-19 e emergentes com a enchente. Algumas delas, mais do que o fornecimento de alimentos como forma de garantia mínima da dignidade humana, se consolidaram como espaços de troca de articulação comunitária, de práticas culturais e assistenciais, vindo a ser lugares de convergência social (CARON; RODRIGUES; ISOPPO, 2024). A segunda visou acolher desabrigados em diversos lugares da cidade, mas, ao fazer isso aleatoriamente, também contribuiu para a dispersão territorial de comunidades. Assim, apesar de terem supridas necessidades de alimentos e abrigos, as comunidades atingidas foram afastadas territorial e socialmente dos seus lugares de pertencimento e tiveram vínculos e comunicação rompidos por um desastre ambiental. Similar à época da pandemia do COVID-19, elas viviam, mais uma vez, um “distanciamento social”.

Num primeiro momento, nós, pesquisadores(as)

do Margem_Laboratório de Narrativas Urbanas (PROPUR-UFRGS), também vivíamos o frenesi do voluntariado mobilizado pela urgência, principalmente junto a territórios com os quais já tínhamos vínculos com o desenvolvimento de projetos de pesquisa-extensão-ensino. Ao mesmo tempo, contudo, nos questionávamos sobre a natureza ético-política desse voluntariado que, sob argumentos de cidadania e de protagonismo da sociedade, alivia responsabilidades do poder público e nem sempre sustenta perspectivas de debates e políticas dialógicas e emancipatórias (IMPERATORE; BARROS; GARCIA, 2022).

Em algum sentido, entendíamos que nossas ações, para além de se limitar a um “agora”, deveriam também prospectar futuros junto às comunidades envolvidas para o enfrentamento do pós-enchente. Quais ações seriam necessárias para acompanhá-las, informá-las e mobilizá-las? Como essas ações poderiam se dar? Quais as linguagens e mídias seriam adequadas para reconectar vínculos rompidos?

A análise desse cenário levou o Margem a focar em dois contextos: pontos de convergência social, como as cozinhas solidárias, e pontos de dispersão social, como os territórios vulnerabilizados.

No primeiro caso, o apoio às cozinhas envolveu realizar inicialmente mapeamentos como instrumentos de reconhecimento da sua importância social (CARON; RODRIGUES; ISOPPO, 2024); no segundo, desenvolver pequenas ações de apoio à reconstrução e reabilitação da vida comunitária, tratando questões básicas – como limpeza e recuperação de pertences – e questões de mobilização social para enfrentamentos futuros. Eram entraves para esse trabalho a diversidade de demandas emergenciais e dificuldades de comunicação direta e virtual com sujeitos que estavam dispersos pela cidade e com celulares perdidos ou com limitações de acesso à Internet.

Documentar e analisar as ações do Margem de apoio à reconstrução e reabilitação da vida comunitária durante e após a enchente de 2024 é o objetivo deste artigo. Especificamente, é analisada

a produção e divulgação de pequenos vídeos educativos em grupos de WhatsApp comunitários. Esse formato buscou criar uma alternativa aos inúmeros “manuais para a retomada” em pdf que foram divulgados¹ e que, apesar de pertinentes, desconsideravam condições de acesso, como limitações de memória e de conexão nos celulares para download de arquivos pesados; bem como desconsideravam condições de leitura e interpretação de longos textos acadêmicos e jornalísticos, tendo em conta a diversidade de letramentos e baixos níveis de escolaridade dos envolvidos. Sobre o meio de divulgação, considerou-se que grupos de WhatsApp de alguns coletivos comunitários estavam operantes e que, apesar de algumas pessoas estarem incomunicáveis, outras tantas se faziam presentes e poderiam ter acesso a informações, sendo elas mesmas propagadoras nos seus meios sociais. Considerou-se, conjuntamente, o necessário cuidado na produção dos conteúdos e o potencial educativo e de fácil disseminação desses canais de comunicação. Como observam Santos e Stadler (2020), tais canais podem ser também veículos de educação informal e de formação cidadã, com a vantagem de poderem alcançar excluídos de espaços de educação formal, como escolas e universidades, e com os riscos de sustentarem informações descuidadas ou perspectivas educativas questionáveis.

Assumindo uma perspectiva ideológica-educacional crítica e emancipatória, foram propostos vídeos educativos que relacionassem vivências e experiências dos envolvidos e saberes técnicos, como forma de construir alguns caminhos possíveis e promover a transformação de realidades impostas. Assim, desde imagens do drama das cheias (ver Figura 1), três animações – de curta duração e produzidas interdisciplinarmente – foram criadas com o objetivo de tratar temas

1. Como ilustração, consultar: https://cfq.org.br/wp-content/uploads/2024/01/Cartilha-CFQ_Pragas-e-Vetores_frente-e-verso-2-1-2-1.pdf
<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/guia-completo-para-limpar-a-casa-ap%C3%B3s-enchentes-1.1494818>

sobre cuidados (pessoais e de pertences) e sobre o futuro, entendendo essas práticas de cuidado e de esperança como forma de resistência.

Foi empregada uma linguagem informal e lúdica, na tentativa de construir um “diálogo” horizontal (SANTOS; STADLER, 2020); e se recorreu a imagens, textos e áudios, de modo a ampliar a acessibilidade do material.



Figura 1: Trecho do vídeo “Resistir e Reexistir em Meio às Águas” - Episódio 1: cena do alagamento da Vila Santa Terezinha. Fonte: Instagram (2024)

A análise dessa experiência é feita de modo qualitativo-exploratório e centra-se nos aspectos constituintes das atividades extensionistas: a indissociabilidade entre pesquisa-ensino-extensão, a interação dialógica, a interdisciplinaridade, os impactos na formação de estudantes e na sociedade. Decorrente do contexto e do processo de produção dessa ação, se reconhece fragilidades e se destaca, entre suas potencialidades, a instauração de um discurso ético-estético-político que buscou dialogar com comunidades vulneráveis e invisibilizadas e construir recursos para o enfrentamento das suas lutas presentes e futuras.

Pesquisa-Ensino-Extensão

O Margem_Lab, ligado ao Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional, constitui-se por uma estreita articulação entre pesquisa, ensino e extensão, a partir da compreensão de que a construção do conhecimento

rigoroso e socialmente referenciado não se faz senão por este tripé. A narrativa, como aposta metodológica e epistemológica, compõe o cerne dos seus trabalhos. Esses buscam desenvolver modos de pesquisar a complexidade do urbano a partir do diálogo COM territórios, sobretudo territórios à margem – aqueles marginalizados e fragilizados por políticas de mercantilização das

cidades e que possuem privilégios epistêmicos para a análise e crítica aos modelos vigentes. É desde essas margens que o trabalho agencia, junto a seus atores, ferramentas e dispositivos capazes de fazer frente às lutas e violências do cotidiano. Este é o caso dos vídeos produzidos neste momento de catástrofe e aqui destacados como ferramenta construída nesta perspectiva de fazer e pesquisarCOM (MORAES; QUADROS, 2020).

O Piloto

A primeira experiência com os vídeos focou a comunidade da Vila Santa Terezinha como público alvo e se valeu do fato dela ter um grupo de WhatsApp administrado pelo Centro Social Marista Irmão Antônio Bortolini, que ali atua. Os vínculos com essa comunidade, que possui forte relação com a reciclagem de lixo, começaram em 2022 e decorrem de dois projetos de pesquisa-ensino-extensão da UFRGS². Desde esses projetos, sabia-se de prováveis dificuldades dessa comunidade vir a acessar informações e adotar protocolos de higiene e saúde em meio aos alagamentos, quer pela condição de letramento dos seus atores, quer pela construção de uma outra relação cultural com os detritos.

2. O primeiro, de 2023, se liga à pesquisa “Objetos-de-Fronteira”, ao projeto de extensão “Para Além do Feio, Sujo e Marginal: inventário participativo de referências culturais da Vila Santa Terezinha”, e ao ensino junto à disciplina Projeto Arquitetônico II (P2).. O segundo projeto é derivado deste e será discutido posteriormente.

Foram produzidos dois vídeos informativos-instrumentais, um dedicado a cuidados corporais no processo de limpeza e desinfecção das casas (ver Figura 2) e outro, à manutenção de eletrodomésticos afetados (ver Figura 3). “Não ficar doente” e “não ter que comprar novos equipamentos” foram tomados como formas de resistência. Mesmo tendo a Vila como público alvo, esses vídeos também foram concebidos para serem replicáveis em outros contextos por meio do Instagram do Margem. Um terceiro vídeo assumiu um caráter mais específico: politizou o tema da enchente, retomou a histórica relação da Vila com o rio e suas lutas e buscou sensibilizá-la para uma organização frente aos desafios (ver Figura 4). Esse vídeo foi estruturado de modo didático, colocando figurativamente o próprio rio como o narrador de modo a problematizar seu papel de “vilão” na catástrofe. O desfecho convida a uma mobilização que poderá abrir espaço para trabalhos futuros, como composição de um necessário plano comunitário de enfrentamento de desastres (MOHINUDDIN, 2020), uma vez que é provável a reincidência de enchentes e a inoperância dos governos.³

Interação Dialógica e Interdisciplinaridade

Na impossibilidade de um contato direto com os moradores da Vila que estavam dispersos, foram estabelecidos diálogos com a coordenação do referido centro social. Cada vídeo foi submetido à sua avaliação e sugestão, sendo só depois compartilhados. Como forma de avaliar respostas aos vídeos, inicialmente, se consultou de modo informal alguns moradores.

3. Além dos vídeos, o Margem atuou em várias frentes de apoio à Vila: doações de alimentos, produtos de limpeza e roupas, com o apoio do instituto Sarassá; doações de rodos de madeira para limpeza das casas, com apoio do projeto da Faculdade de Arquitetura da UFRGS; arrecadação de fundos, com campanha desenvolvida junto ao Instagram da Exposição da Vila; mobilização de alunos bolsistas e voluntários, para pensar em estratégias de reutilização, doação e compra de móveis; mobilização de grupo “Resignificando Eletrodomésticos”, para apoiar na recuperação de aparelhos; mobilização do programa de recuperação de computadores da UFRGS, para doação à EEEF Branca Diva, que tem estudantes da Vila como principal público.

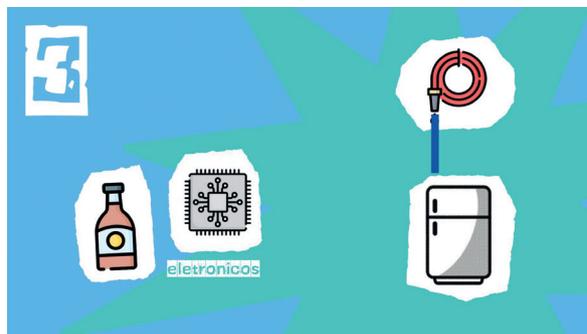


Figura 2: Trecho do vídeo “Resistir e Reexistir em Meio às Águas” - Episódio 1
Fonte: Instagram (2024)

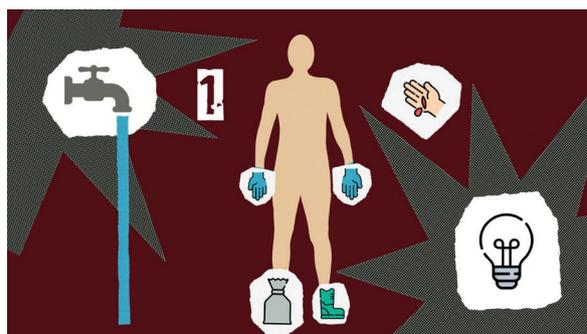


Figura 3: Trecho do vídeo “Resistir e Reexistir em Meio às águas” - Episódio 2
Fonte: Instagram (2024)



Figura 4: Trecho do vídeo “Resistir e Reexistir em Meio às águas” - Episódio 3
Fonte: Acervo Margem-Lab (2024)

Esse trabalho foi desenvolvido por uma equipe de duas professoras da Faculdade de Arquitetura e de seis estudantes da UFRGS: dois do curso de Arquitetura e Urbanismo, um de Artes Visuais e três do Design, autores deste trabalho. A origem desse grupo vincula-se a uma prática de ensino-pesquisa-extensão do semestre 2024-01 que envolvia a disciplina

“Projeto Arquitetônico II”, a extensão “Museu de Percursos do 3º e 4º Distritos” e a pesquisa ligada ao Margem “Inventariar e Inventar Cidades”. A experiência objetivava promover uma exposição sobre o patrimônio da região, articulando práticas de educação patrimonial junto a jovens e adolescentes da Vila. Nesse contexto, o grupo, então com três estudantes em regime de UCE (Unidade Curricular de Extensão), criou a identidade visual da exposição. Com a enchente, contudo, os trabalhos foram interrompidos e o grupo aderiu ao projeto dos vídeos aqui em discussão. Posteriormente, com a abertura de bolsas de extensão emergenciais, integraram o grupo mais dois estudantes e uma bolsista de iniciação científica do grupo de pesquisa.

As dinâmicas de trabalho desse grupo foram online, envolvendo discussões em todas as etapas de produção e a complementação de perspectivas pelas distintas áreas de formação do grupo. A designação de tarefas foi por adesão, considerando as habilidades de cada um, como escrita e edição (FONTOURA; BONA; SCHLOGL, 2021). O fluxo de trabalho foi: produção de roteiro; gravação de áudios; captação de imagens; escolha de trilha sonora e animação em stop-motion, eleita por se acreditar que tenha uma dimensão lúdica e atrai. A elaboração dos roteiros exigiu pesquisas bibliográficas e consultorias. Os códigos de comunicação desses roteiros e os produtos finais ainda foram submetidos à avaliação prévia da equipe interdisciplinar do Margem, que envolve pesquisadoras da Arquitetura e Urbanismo, Psicologia e Artes, sofrendo novos ajustes antes dos compartilhamentos.

Impactos na Formação de Estudantes e na Sociedade

Desde a perspectiva dos estudantes envolvidos, também autores deste artigo, a experiência promoveu a construção de conhecimentos relativos à comunicação e alterou suas visões de

mundo. No primeiro caso, para além de técnicas sobre a produção de audiovisuais (roteirização, criação e edição, etc.), foram importantes as reflexões sobre as relações entre linguagens e condições cognitivas e afetivas de receptores para o acesso e interpretação dos conteúdos. Por outro lado, a vivência também atuou nas suas formações cidadãs, requerendo posicionamentos ético-políticos frente a contextos de constantes abandonos e crises e mobilizando sentimentos de empatia.

Segundo a perspectiva da comunidade da Vila Santa Terezinha, quantitativamente, é difícil mensurar os acessos aos vídeos, já que se optou pelo compartilhamento deles sem links remissivos a outras plataformas que controlam números de visualizações, por se entender que isso facilitaria o acesso. Qualitativamente, desde a observação do processo de retomada das casas, constatou-se que os procedimentos sugeridos nos vídeos foram adotados, mas não plenamente. Alguns limpavam suas casas sem botas e luvas e descartaram ou conservaram objetos indevidos; outros, ligaram eletrodomésticos úmidos em tomadas. Nesses casos, é impreciso afirmar se as informações foram acessadas ou não. Se acessadas, ainda é possível questionar se não foram decodificadas, por falha do nível de comunicação proposto pelos vídeos; ou não foram consideradas, em decorrência de processos sócio-cognitivos ligados à cultura local ou de condições emocionais do momento que requereu a urgência da limpeza para a retomada de uma “normalidade”.

Para além da Vila, contudo, os vídeos também foram compartilhados no Instagram do Margem, atingindo outros públicos. Nesse contexto, em 28 de junho de 2024, o primeiro vídeo teve 8.936 visualizações, 201 curtidas e 96 compartilhamentos; e o segundo, 5.633 visualizações, 101 curtidas e 27 compartilhamentos. Além disso, comentários dos seguidores no perfil do Instagram elogiando os vídeos sugerem sua aprovação.

Considerações Finais

As contingências e urgências da produção dos vídeos em estudo impuseram ao grupo de pesquisa a complexidade de um fazer e refletir simultâneos, emergindo desde aí naturais desafios, fragilidades e potencialidades. Para um grupo de pesquisa, extensão e ensino que se propõe a pesquisarCOM, um grande desafio foi restabelecer o diálogo com a comunidade que estava dispersa e enfrentava dificuldades de comunicação virtual. A interlocução direta com lideranças do seu centro social e indireta pelos grupos do WhatsApp foi tomada como uma alternativa, uma mediação possível, que, em maior ou menor grau, nos permitiu ainda construir um trabalho socialmente referenciado.

Outro desafio foi, em curto espaço de tempo, codificar conteúdos para fins didáticos e explorar uma plataforma de divulgação cujo potencial como espaço de educação ainda é pouco estudado. A atuação de um grupo interdisciplinar, convergindo diferentes perspectivas de discentes e docentes, foi nesse contexto fundamental para não limitar a intencionalidade dos vídeos a funções comunicativas, mas também reflexivas e transformadoras. As trocas de olhares e reflexões dessa

experiência interdisciplinar, como relatado, foi um dos maiores impactos positivos na formação de estudantes envolvidos.

No que tange aos impactos na comunidade, entende-se que o trabalho pode comportar fragilidades, principalmente quanto às limitações para mensurar o *feedback* dos vídeos. Por outro lado, empiricamente, também se reconhece potencialidades, quer em comportamentos observados em campo, quer na reverberação em redes sociais. Para além dessa dimensão prática, contudo, há impactos simbólicos, quando a comunidade reconhece nos vídeos um gesto de atenção e cuidado por parte da universidade, com a qual já tinha vínculos.

Desde essa trama que enlaça princípios extensionistas, destaca-se, por fim, a instauração de um discurso ético-estético-político pela ação proposta. Com ela, buscou-se estabelecer um “diálogo” com uma comunidade que, já vulnerável e invisibilizada, foi abandonada em meio a uma crise humanitária e sanitária. Esse diálogo se deu desde recursos técnico-estéticos que consideraram suas capacidades de acesso e interpretação de conteúdos; e que, politicamente, buscou construir recursos para o enfrentamento de lutas presentes e futuras contra forças que os ignoram ou oprimem. ◀

Referências Bibliográficas

- CARON, D.; CABRAL, A. R.; ISOPPO, R. S. Cozinhas solidárias e o inadiável na cidade. **Jornal da Universidade**. UFRGS, 20 jun 2024.
- FONTOURA, B.; BONA, R.; SCHLÖL, L. Educação, extensão universitária e produção de vídeos para o youtube durante a pandemia de Covid-19 em Blumenau/SC. **Jornalismo: Mídias, Desenvolvimento e Ações**. Minas Gerais, 2023.
- HERCULANO, S. Desastres Ambientais, vulnerabilidade social e pobreza. **Revista Nova América**, n. 111, s.d., 2006.
- IMPERATORI, T. K.; BARROS, M. S. R.; GARCIA, A. J. M. L. Voluntariado e nova direita: reflexões sobre as estratégias de proteção social em tempos de pandemia. **Revista Libertas**, Juiz de Fora, v. 22, n.2, p. 551-568, jul. / dez. 2022.
- MARGEM**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/margemlab/> e @margem_lab
- MOHINUDDIN, Md. **Community-based Disaster Management (CBDM)**. Sweducarebd. 2020.
- MORAES, M. O.; QUADROS, L. C. T. Ciência no feminino e narrativas de pesquisa: PesquisarCOM e a artesanaria na pesquisa. **Pesquisa e práticas psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 3, p. 1-14, set. 2020.
- SANTOS, R. O.; STADLER, P. C. Boas práticas para produção de vídeos educativos na linguagem de youtubers. **Imagem da Educação**, 10(1), p. 86-101, 2020.